facial: Est e nariz é longo e estreito. Não há prognatismo sub-nasal. Testu t aproxima esta raça quaternária do esquimó actual; Martin, qualifica-a de mongolóide. O certo ó que muitos elementos culturais do nosso pleistoceno encontram-se na civilisação dos povos antigos actuais, europeus, asiáticos e americanos.

E m definitiva, as três raças do pleisto-ceno superior na Europ a ocidental entram sem dificuldade n a espécie que se denomi-nou Homo sapiens, a que o homem actual pertence. A partir da aurora do pleisto-ceno superior entramos na humanidade moderna, e j á nos encontramos em pre-sença do seu polimorfismo desconcertante. Tal ó o balanço sumário dos nossos conhecimentos sobre o homem pre-histó-rico europeu. Que se pode daqui tirar sob o ponto de vista da origem e da evolução human a ?

#

O Homo neanderthalensis constitue a cha-ve da abóbada de todas as reconstituições tentadas, não só porque é o primeiro ser human o nitidamente diferente do homem actual, como também porque é o que me-lhor conhecemos.
O estudo deste fóssil revela-nos a ex-traordinária homogeneidade do seu tipo étnico, e a diferença profunda que existe entre êle e os que imediatamente lhe suce-deram. Por toda a parte onde foi des-coberto, o homem do pleistoceno médio não nos mostra uma evolução sensível que se manifeste por variações notáveis do es-queleto ; ó sempre semelhante a si mesmo. Po r outro lado, zoològicamente, o Homo neanderthalensis, pela sua homogeneidade, opõe-se ao Homo sapiens, cujo polimorfismo ó tão grande. Não menos notável ó a ausência de intermediários morfológicos; não há uma ligação morfológica admissí-vel entre os dois tipos que possa ser posta em evidência. O mesmo diremos das sobre-vivências esporádicas do tipo de Néanderthal assinaladas entre as populações modernas. O Homo rhodesiensis é uma sobrevivência indiscutível do Homo neanderthalensis: apro-xima-se-lhe extraordinariamente e. exagera mesmo a grosseria de forma e a bestiali-dade de aspecto; tinha no entanto adqui-rido a atitude vertical perfeita, que o homem do pleistoceno médio ainda não realizara completamente. O Homo rhodesiensis prova

que o Homo neanderthalensis sobreviveu muito tempo na Africa, no meio das popu-lações negras actuais. Mas não é menos verdade que há um hiatus morfológico entre este homem e o Homo sapiens pró-
- histórico ou actual, hiatus morfológico que coincide com um hiatus cultural. O Homo neanderthalensis tinha uma indústria rudi-mentar, nenhuma tendência estética; o ho-me m do pleistoceno superior possuía uten-sílios variados, trabalhava habilmente a pedra, o chifre, o osso, eram extraordinários artistas na escultura, gravura, desenho e pintura.
Par a admitir uma filiação entre os dife-rentes tipos humanos do pleistoceno supe-perior e o homem de Néanderthal, seria necessário supor que no fim do pleistoceno médio se produziu uma mutação que brus-camente transformou o Homo neandertha-lensis no Homo sapiens (1).
E' mais simples admitir que o homem do pleistoceno superior e o actual não deri-va m directamente do Homo neanderthalensis, que representaria uma linhagem divergente do género Homo que se extinguiu na Europ a antes da era actual com uma sobrevivência mais longa na Africa, enquanto o Homo sapiens representaria outra linhagem, que ainda não nos foi dado seguir no pleisto-ceno médio.
As descobertas de Piltdown e de Hei-delberg veem apoiar a hipótese. A maxila do Homo heidelbergensis, diferindo da do Homo neanderthalensis, não apresenta, no entanto, diferenças essenciais; Boule diz mesmo que se podia adaptá-la ao crâneo da Chapelle-aux-Saints (d o pleitoceno infe-rior) sem mudar-lhe sensivelmente o aspecto geral; podemos pois ver no Homo heidelber-gensis, do pleistoceno inferior, a forma an-cestral do Homo neanderthalensis (do pleis-toceno médio).
O Eoanthropus Dawsoni (d e Piltdown, pleistoceno inferior), com o seu crâneo hu-

(1) A espécie humana pode apresentar muta-ções, como as outras espécies. O homem nào parece ser o produto duma só mutação, mas duma série de mutações independentes Uma mutação no crâneo pode não ser acompanhada duma muta-ção na maxila, o que permite compreender a coexis-tência, no homem de Piltdown, dum crâneo humano e duma maxila simiana. Uma mutação pode ter dado aos dentes um carácter humano, sem que a mandíbula se tenha modificado, o que explicaria a dentição humana da maxila pitecoide de Mauer (Guyénot).